

1.

Eros: Potência de Movimento

Conforme apresentado na *Introdução*, designamos a potência de movimento de *Eros* à primeira parcela da *fórmula* erótica platônica. Compreendemos que, sem movimento, quer no âmbito do cosmo, quer na filosofia de Platão, não há início e continuidade em qualquer processo geracional que, no pensamento platônico, é objetivo último da *fórmula* erótica. Sem movimento, o cosmos não existiria, pois *Eros* é “potência que favorece a geração cósmica” (CASERTANO, 2012, p. 248). Considerando o “lugar” da potência em questão na *fórmula* platônica de Amor, observamos também que, sem movimento, sequer admitiríamos a possibilidade da relação (“1+1”) e da geração (3). A potência de movimento de *Eros* é, portanto a primeira parcela que desencadeia todo o processo geracional que culminará no “nascimento do novo” (CASERTANO, 2012, p. 244), seja na geração de novas entidades cósmicas, ou na visão inteligível de quem passou por um processo erótico (filosófico), segundo Platão.

A mitologia hesiódica, segundo a interpretação de vários comentadores¹, concebe *Eros* como o “deus do antes-do-mundo” (FRANCO, 2006, p. 90), porque ele conhece o mistério da criação. *Eros* assistiu a passagem do *não-ser* ao *ser*, movimento próprio da geração cósmica.

Quando *Gaia*, terra, (*Theog.* 116a) desenha *Ouranos*, céu, dentro de si, ainda não existia um par masculino com o qual ela pudesse unir-se para gerar. Na verdade, tanto *Ouranos*, quanto Pontos, oceano, foram gerados por *Gaia*, sem a presença de uma divindade masculina. *Gaia* os desenha de dentro de si mesma e, depois, os torna evidente, isto é, os faz nascer. A força primordial que faz *Gaia* expulsar o que ela possui em seu interior é denominada, nessa fase da *Teogonia*, *Eros* (desejo)², que provoca nas “entidades primordiais [o] trazer à tona o que eles têm escondido dentro deles próprios” (VERNANT, 1989, p. 154). O desejo de gerar impulsiona *Gaia* a exteriorizar o que ela possui internamente. Desta forma, “*Eros* torna explícito a distinta e numerosa pluralidade de descendentes, que é implicitamente conteúdo da unidade confusa do antepassado. [...] Ele faz manifestar a dualidade, a multiplicidade incluída na unidade”

¹VERNANT, Jean-Pierre (1989); FRANCO, I. (2006); CASERTANO, G. (2012).

² Na nossa interpretação acerca da mitologia de Hesíodo, *Eros* será traduzido como desejo, diferentemente do modo como o conceberemos no pensamento platônico, onde *Eros* é desejo e, principalmente, Amor.

(Rudhardt *apud* Vernant, 1989, p. 154). Sendo assim, *Eros*, no desempenho da sua primeira função na *Teogonia*, apresenta-se como a força que provoca a passagem (o movimento) do *uno* ao *múltiplo*.

Gaia, tendo gerado seu par masculino, *Ouranos*, como complemento de si mesma, une-se com ele, em permanente compulsão cósmica (*Theog.* 126-127). Tudo o que foi gerado em *Gaia* permanece dentro dela, assim como fora com *Ouranos* (*Theog.*156-60), até que a continuidade da geração é bloqueada e a multiplicação de seres não prossegue. Os doze *Titãs*, as três centenas de *Hecatônquiros* e os três *Cíclopes* permanecem reprimidos no seio de *Gaia*. Esta, tramando com *Khronos*, forja uma foice e castra *Ouranos*, causando a separação entre céu e terra (masculino e feminino). A separação do par, até então em união permanente, colocou um ponto final na carreira primordial de *Eros*.

A castração de *Ouranos* favorece o aparecimento da divisão, dos conflitos e da guerra, mas, também, oportuniza o nascimento da deusa da Beleza, *Aphrodite*. O sangue de *Ouranos* cai para a terra, seu genital cai no oceano, *Pontos*. Da mistura da espuma do oceano e do esperma de *Ouranos*, nasce a deusa da beleza que preside os truques da sedução, *Aphrodite* (*Theog.* 188-206). A mutilação que causa as guerras e divisões, também dá nascimento à *Aphrodite*, cujos assistentes são *Eros* e *Himeros* (*Theog.* 200). Aqui, *Eros* não se revela como a força dentro de um, que provoca a divisão em dois; *Eros* apresenta-se como uma “ferramenta” que, em um contexto onde há diferença já consolidada, assente dois se unirem para produzir um terceiro, infinitamente.

A criação da multiplicidade e o nascimento de *Aphrodite*, segundo a interpretação de Vernant, altera a atividade de *Eros*. O deus que promoveu a geração a partir do “um” passa a ser mediador entre “dois” para continuar a criação cósmica. Com isso, o movimento do *uno* ao *múltiplo* inverte-se: as múltiplas unidades geradas, a partir do primeiro processo de criação, relacionam-se para produzir novas unidades. *Eros*, então, apresenta-se, agora, como a causa do movimento do *múltiplo* ao *uno*.

Acreditamos que o *Eros* de Platão converge com a segunda função da divindade na mitologia hesiódica, especialmente na direção do movimento erótico à geração: na mitologia, *Eros*, de acordo com a sua primeira função na criação do cosmos, provoca a passagem do *uno* ao *múltiplo*, mas, como segunda função, estando de acordo com a união das múltiplas entidades e com sua geração, *Eros* provoca também a passagem do *múltiplo* ao *uno*; no pensamento platônico, *Eros* na perspectiva corporal, também é o

que move a procriação dos filhos, mas, sua função própria se verifica quando conduz as almas (tornadas) amantes (ou eróticas) da multiplicidade sensível à unidade inteligível (Ideia). Em *O Banquete*, *Eros* é o agente intermediário que afeta e conduz as almas, dos objetos apreendidos pelo sensível a objetos inteligíveis, assimilados pelo intelecto.

Diante da identificação do *movimento* como uma das potências de *Eros* e de sua importância para a efetivação da *fórmula* apresentada, este capítulo tem como objetivo examinar o “deus”, como potência de movimento, a partir da análise da passagem do mito de seu nascimento (203a-204a8), no “discurso” de Sócrates, em *O Banquete*. O relato do mito feito por Diotima apresenta-nos a origem e a causa da natureza de *Eros*, assim como justifica o restante da *fórmula* erótica apresentada na *Introdução*, “ $1 + 1 = 3$ ” (VERNANT, 1989, p. 164).

Assim, pretendemos, neste capítulo, examinar e relacionar a *fórmula* “*Pênia + Recurso = Eros*” à *fórmula* platônica de Amor “ $1 + 1 = 3$ ” e ao movimento reconhecido como primeira parcela dessa *fórmula*.

1.1.

***Eros* originário e gerado pelo movimento**

A apresentação do mito do nascimento de *Eros* por Diotima é decorrente da objeção quanto a todos os atributos positivos do suposto “deus” do Amor declarados por Agatão, e logo depois, por Sócrates: se *Eros* não é divino, “um deus poderoso e amante das coisas belas” (201e6), [...] nesse caso, *Eros* é feio e mau?” (201e9). A resposta de Diotima à indagação socrática é a figura do *metaxu*, intermediário. *Eros* não é belo, muito menos feio, ele é o intermediário entre os contrários citados. A introdução da noção de “intermédio” entre contrários apresenta-se como um ponto fundamental para a (nossa) afirmação de *Eros* como potência de movimento. Sendo *Eros*, um intermediário entre contrários, ele é o responsável pelo movimento entre os extremos.

Eros é apresentado no “discurso” de Sócrates/Diotima com três características básicas: *Eros* é carente do que não possui; estrategista para alcançar o que deseja; e, essencialmente, um *daimon*, um intermediário, *metaxú*, entre homens e deuses. *Eros* revela-se como o mediador necessário “entre as qualidades contrárias que sua natureza tem por função unir” (ROBIN, 1964, p. 108). Diferente de todos os discursos anteriores ao de Sócrates, o *Eros* de Sócrates/Diotima não é uma divindade, ele é um *daimon*, um semideus, um intermediário, porque ele preenche a lacuna entre o plano humano (sensível) e divino (inteligível) (202e). A partir dessa compreensão, a sacerdotisa

Diotima, por intermédio de Sócrates, revela a natureza de *Eros* a partir de sua origem mitológica³.

A natureza de *Eros* é apresentada por um mito que, segundo muitos comentadores conceituados nos estudos platônicos, não faz parte das narrativas tradicionais. O mito do nascimento de *Eros*, em *O Banquete*, é uma criação platônica. O *daimon* é fruto de uma relação cujas partes são contrárias: *Eros* é filho de *Pênia*, pobreza (falta) e *Expediente*, recurso (abundância). *Eros* é um misto de ambos e, por isso, é intermediário em vários sentidos: não é humano, mas também não é deus; não é feio, nem belo, mas busca, incansavelmente, pela (B)beleza, pelo B(b)elo, *tó kallón*; não é bom, nem mau, mas busca, incessantemente, pela posse (perpétua) do bom, do Bem, *tó agathón* (207a). A falta e a busca são os fatores que atribuem o caráter intermediário ao *Eros* de Diotima, além de afirmarem a sua natureza.

Robin (1964, p. 103)⁴, seguindo a interpretação de Plutarco (*Peri Isidos chai Osíridos*), traça algumas considerações acerca de *Eros* que merecem destaque em torno do caráter intermediário de *Eros*.

Plutarco, segundo a interpretação de Robin (1964, p. 103), alega que, *Eros* é carente do que não tem, mas já participou (ao menos parcialmente) do que é desprovido, por isso sabe reconhecer o que procura. O objeto de desejo/amor de *Eros* não é algo inédito. *Eros* sabe o que busca.

Eros, filho de Pobreza e Expediente, nascido em meio ao banquete de celebração ao nascimento da deusa mais bela, *Aphrodite*, toma parte daquilo que não possuirá quando nascer, mas seguirá almejando. A *Pobreza*, segundo Plutarco, representa a

³ A origem mitológica de *Eros*, no discurso de Sócrates, não corresponde ao mito do referido deus na tradição. Platão, segundo a maioria dos comentadores, é um inventor de mitos em suas obras. Existem estudos sobre as críticas de Platão à arte de seu tempo, sobretudo à poesia /mito. No texto *O Teatro das Ideias*, de José Américo Pessanha (1997), é afirmado que há uma grande diferença entre defender que Platão era contra qualquer tipo de arte na cidade ideal, em *A República*, e afirmar que o referido filósofo possuía uma crítica séria a arte de seu tempo. A contemplação da construção arquitetônica – e, por que não, artística – da Acrópole nos causa deslumbramento. A obra contemplada, no entanto, é, “na realidade, o resultado de uma série de distorções propositalmente produzidas com o objetivo de criar a ilusão da perfeição” (PESSANHA, 1997, 16). O mesmo ocorre com a poesia. Simultaneamente à crítica feita por Platão, a arte como produtora de ilusões, o filósofo propõe um novo tipo de arte à cidade idealizada em *A República*, revelando-se, inclusive, um grande criador de mitos. Os mitos inventados por Platão se apresentam como um meio de acesso a uma realidade última, que na filosofia platônica chamamos de Ideia – onde, teoricamente, estaria a “verdade” ou o modelo original dos objetos sensíveis, e não ilusões, como encontramos na multiplicidade-sensível. A desaprovação de Platão à arte de seu tempo está relacionada, na verdade, a um sentido político-pedagógico. A arte deve estar a serviço do conhecimento da “verdade” e não da ilusão. Enfim, seja em relação à arte em geral, seja em relação ao mito, não se pode desconsiderar a importância do uso dos mitos na narrativa platônica para a construção de sua filosofia.

⁴ ROBIN, Léon. *La Théorie Platonicienne de L’amour*. - Paris: Nouvelle Édition. Presses Universitaires de France, 1964.

Matéria (em termos platônicos, o âmbito sensível), enquanto que *Expediente* (a dimensão inteligível) representa a Razão. No momento da concepção, *Eros*, o produto da união, participa do divino, da Beleza, da integridade, da riqueza de recursos que *Expediente* possui. Ao nascer, *Eros* não é belo, mas busca (movimenta-se) pela (para a) (B)beleza da qual um dia ele participou no contato com o seu pai, *Expediente*. Com isso, o filho gerado na relação pobreza e riqueza, *Eros*, pertence a outro lugar; o produto dessa relação é “princípio de movimento” (PLUTARCO *apud* ROBIN, 1964, p. 103), pois parte da falta à posse, do menos para o mais, do humano para o divino. Por isso, *Eros* está sempre no meio, no movimento entre contrários. Sua natureza intermediária é justificada por ser fruto de causas contrárias. *Eros*, sendo filho de quem é, “carece do que não dispõe devido sua mãe; é excelente caçador de tudo o que é belo e bom; excelente caçador de homens; amigo da sabedoria; filósofo o tempo todo, feiticeiro temível, mágico e sofista, herança do pai” (203e). Em suma, *Eros* é potência de movimento pelo o que aspira.

Nas linhas seguintes, exploraremos, no mito do nascimento do *daimon*, a potência e a qualidade erótica do movimento por parte da mãe (1), do pai (“1+1”) e do filho (3).

1.1.1.

***Pênia*: a busca (impulsionada) pela necessidade – movimento sem fim específico**

O movimento inerente a *Eros* tem sua justificativa na necessidade de sua mãe, *Pênia*. O que move a *Pobreza* a unir-se com *Expediente* é a sua necessidade de recursos para “sobreviver”. Apesar de a *Pobreza* ser identificada como a figura (“negativa”) da falta e *Expediente* como a imagem do possuidor de recursos, *Pênia*, justamente por ser falta, busca por tudo ou qualquer coisa diante da oportunidade, *kayrós*, de obter o que necessita.

Já no fim do banquete, chegou Pobreza, com a intenção de aproveitar aquela oportunidade única para mendigar, e se colocou perto da porta. Nesse entremeio, Expediente, embriagado de néctar [...] penetrou no jardim de Zeus e logo adormeceu pesadamente. Então, Pobreza, espicaçada por sua própria indignação, pensou na possibilidade de ter um filho com Expediente: deitou-se-lhe ao lado e concebeu *Eros* (203b4-c1).

É próprio da falta buscar possuir tudo ou qualquer coisa que não possui. O

movimento, como uma das potências atribuídas a *Eros*, é herança da mãe, que se mobilizou diante de seu estado carente e de uma oportunidade única: a falta encontra tudo o que precisa, em *Expediente*. A busca mobilizada pela necessidade, no entanto, aproxima a figura de *Pênia* à noção de *epithymia*, apetite. É inerente à falta buscar possuir. Não há necessariamente um objeto determinado a se buscar. Na falta de tudo, situação de *Pênia* que representa a carência, qualquer objeto de desejo pode servir para sanar uma carência que é ausência de todas as riquezas e recursos. No mito do nascimento de *Eros*, a falta, *Pênia*, encontra tudo, *Expediente*. Da síntese do encontro, nasce *Eros*, a falta com aspiração a tudo que é (B)bom e (B)belo.

Pênia é apenas impulso, movimento em direção a sanar uma necessidade intrínseca. O objeto é o que menos importa para quem é a pura falta.

Na filosofia platônica, *Eros* é potência de movimento pela necessidade (falta) de possuir o que há de melhor perpetuamente (206a11). O que garante a qualidade do movimento de *Eros*, desta forma, é a especificidade do objeto aspirado. Enquanto *Pênia* é promotora de impulso, movimento; *Expediente*, segundo o mito, é o responsável pela qualidade do movimento erótico. *Eros* não busca qualquer objeto de desejo/amor, ele almeja, necessariamente, o que é (B)bom e, portanto, (B)belo.

1.1.2.

***Expediente*: a abundância de recursos – a sonolência e o repouso**

Expediente, em algumas traduções, é apresentado como *Recurso*, deixando mais evidente o contraste com *Pênia*, que se caracteriza pela falta. *Expediente* é rico de meios, posses – objeto que corresponde à necessidade da *falta*, mãe de *Eros*. Tudo possuindo, *Expediente* não se move. Na verdade, sua saciedade é caracterizada pelo sono, sono entregue ao relento, característico de não possuir qualquer preocupação ou carência. É curiosa a imagem formada de que *Pênia* se “aproveita da oportunidade”, reforçando a figura da não ação daquele que tudo possui. Assim sendo, a herança deixada por *Expediente*, ou melhor, *Recurso*⁵ a *Eros* foi tudo o que há de (B)bom e (B)belo, portanto tudo o que for do campo do divino. Esse legado modifica a natureza do movimento de *Eros*, pois dá um fim a esse movimento, uma direção determinada. *Recurso* é o responsável pelo movimento qualificado de *Eros*.

⁵ Para explorar o significado das duas possibilidades de tradução, usarei, a partir daqui, deliberadamente, os dois termos – Expediente e Recurso, para chamar a atenção do leitor da riqueza da figura paterna de *Eros*.

1.1.3.

Eros: a síntese da falta e do recurso – o movimento direcionado

É na narrativa mítica platônica do nascimento de *Eros* que encontramos a razão melhor fundamentada para que *Eros* seja potência de movimento.

Eros é fruto de uma relação especial. Ele é filho de contrários. *Pênia* é a pura falta (um tipo de *epithymia*); *Expediente*, como já dito, é a abundância de recursos. Como síntese desses contrários, carregando a herança derivada dos dois: a falta e o recurso, surge o movimento direcionado.

No “discurso” de Sócrates, em *O Banquete*, são apresentados os atributos resultados da herança do pai: “vive a cogitar ardis para acompanhar tudo o que é belo e bom; é bravo, audaz, expedito; excelente caçador de homens, fértil em ardis, amigo da sabedoria, sagacíssimo, filósofo o tempo todo, feiticeiro temível, mágico e sofista” (203e). *Eros* nasce carente, mas ansioso por possuir o que é (B)bom e (B)belo, qualidades inerentes às divindades. O *daimon* é aspirante à condição divina. A falta de *Eros* é distinta da de *Pênia*. *Eros* busca, necessariamente, pelo o que é (B)bom e (B)belo e não por tudo ou qualquer coisa para suprir suas faltas. A especificidade do movimento erótico, no discurso de Diotima, é dada, portanto, por *Recurso*.

A leitura de Plutarco (PLUTARCO *apud* ROBIN, 1964, p. 103), citada anteriormente, nos apresenta uma hipótese interessante a respeito da família de *Eros*. Encontramos um entrave quando afirmamos, junto a Sócrates, que *Eros* é carente do que não possui e, por isso, busca o seu objeto de desejo que, conseqüentemente, lhe falta (202d). Questionamos: como *Eros* pode desejar algo que nunca possuiu? Ele busca o desconhecido? A resposta dada pela interpretação de Plutarco é a participação de *Eros*, no momento da concepção, nas qualidades (recursos) de seu pai, *Expediente*. Quando o *daimon* é trazido à luz, não possui as características brilhantes de seu pai, mas guarda a lembrança do contato que tivera com tais qualidades e atributos, no momento da união. *Eros* não busca qualquer objeto de desejo, ele sabe exatamente o que procura e como fazer para conquistá-lo, ainda que o alcance do almejado ocorra por um instante, *exaíphnes*, como será apresentado na “escada ascética” (210a-212a). E mesmo que a posse do objeto desejado não aconteça, *Eros* é o “motor” responsável que impulsiona e faz buscar o que é próprio da coisa que ele “co-move” (CASERTANO, 2012, p. 247), neste caso, a alma, *psykhé*. Ele é o impulso para o que lhe falta, por parte de mãe, e sabe (conhecimento e experiência) qual é o seu objeto de desejo e amor, dado o contato que

teve com seu pai, no momento da concepção.

Esse é o contexto de nascimento de *Eros*, o misto, o meio, o movimento do “um” (condição atual) para o dois (condição futura melhor do que a primeira); da necessidade à saciedade (com o que há de melhor – belo e bom); do irracional ao racional; da multiplicidade – sensível à unidade – inteligível (Ideia).

O *daimon* não se movimenta para qualquer objeto que possa sanar uma necessidade, como sua mãe, *Pênia*. *Eros* busca, movimenta-se para objetos específicos, assim como uma alma (erotizada, portanto afetada por *Eros*) anseia por objetos específicos a ela, ou seja, passíveis de conhecimento. Por isso, *Eros* não pode ser apenas desejo, o *daimon* também é *Amor* pelo o que deseja. O termo *Amor* também atribuído a *Eros* caracteriza, segundo Hyland (1968, p. 34)⁶, o seu aspecto racional. *Eros* sabe o que deseja, por esse motivo, também é *Amor*. A interpretação de Hyland sobre o *Eros* de Platão reforça e justifica o caráter misto do *daimon*. *Eros* conjuga irracionalidade (*epithymia*) e racionalidade (*philia*, relação que envolve um grau maior de racionalidade), ratificando o seu aspecto intermediário.

Eros é a superação e a síntese de seus pais, o misto de contrários. Ele é o meio, o intermédio entre a necessidade e a riqueza, o movimento da extremidade inferior à superior. *Eros* é o elo entre o sensível e o inteligível. Ele é um *daimon*, um intermediário que realiza a comunicação necessária (ou o movimento necessário) entre homens e deuses e vice-versa (202d12). *Eros* é desejo e amor de um objeto determinado. Por isso, o semi-deus está sempre em relação com o seu objeto de desejo e amor; ele é o responsável por impelir a alma às coisas boas e belas.

Eros, necessariamente, é fruto de uma relação específica. Por isso, ele não pode estar situado nos extremos. *Eros* promove relações e gerações férteis. Ele é potência de relação que vai do “um” ao “dois”; do “menos” para o mais”; em última instância, do sensível ao inteligível. *Eros* é a força que une contrários em busca de uma superação qualitativa da diferença apresentada na relação.

A noção de *Eros* como intermediário é introduzida antes do mito do nascimento do “deus”. Sócrates acreditava, como Agatão, que *Eros* era um deus, necessariamente, bom, poderoso e amante das coisas belas (201d5). Diotima contestou a imagem que Sócrates possuía da “divindade” e apresentou, por meio de um exercício dialético, a ideia de um ser misto, *metaxú*. Sócrates, após a contestação da beleza e da bondade de

⁶ HYLAND, D. (1968) *Eros, Epithymia and Philia in Plato*. *Phronesis* 13, 32-46.

Eros feita por Diotima, revela pensar, como o seu anfitrião, “nesse caso, *Eros* é feio e mau? (201e9). Diotima, brilhantemente, questiona Sócrates: “Pensas, porventura, que o que não é belo terá de ser necessariamente feio? (201e11); [...] “e quem não for sábio, será ignorante?” (202a2). Em seguida, a sacerdotisa apresenta a Sócrates a “opinião verdadeira” como uma terceira possibilidade, um intermédio, entre os contrários sabedoria e ignorância, preparando a alma de um Sócrates que pouco sabia sobre os Mistérios do Amor e de sua relação com os processos de conhecimento para compreensões mais densas a respeito das questões apresentadas.

No *Banquete*, *Eros* é o fruto da falta e da posse. Com isso, *Pênia* e *Recurso* geraram o “princípio de movimento” (PLUTARCO *apud* ROBIN, 1964, p. 103).

Diferente do que um contato inicial com o mito nos faz pensar, *Eros* não é uma personagem. Ele é a justificativa da causa, princípio de movimento específico que mobiliza a alma a desejar e a criar estratégias para alcançar objetos específicos que a alimenta. Neste sentido, se admitirmos que *Eros* seja princípio de movimento, e, simultaneamente, que a alma é princípio de movimento, de vida, como nos é apresentado no *Fedro* (229d)⁷, significa afirmar que Diotima nos ensina, através do mito, a causa que fundamenta a nossa alma, ou seja, o que justifica a busca humana pelo o que não se possui ou se é. *Eros* mobiliza a alma a buscar o que é próprio dela, objetos inteligíveis, em outras palavras, conhecimento.

Em suma, *Eros* é potência de movimento ascendente, conduzindo almas (amantes) de um estado “menos perfeito para um estado mais perfeito” (ROBIN, 1964, p. 106, 107); do plano humano (sensível) para um estado divino (inteligível). *Eros* é impulso, força que motiva a alma a buscar o que não possui, mas deseja ter, dado a um contato prévio com o seu objeto de desejo/amor. *Eros* é estímulo dinâmico da alma “que parte da falta e vai na direção de uma possibilidade de plenitude” (MARQUES, 2010)⁸. Uma alma erótica, dinâmica por excelência e carente do que precisa, não se satisfaz com qualquer objeto disponibilizado no mundo. Ela busca, inexoravelmente, o que é próprio dela. *Eros* é desejo pelo B(b)om e pelo B(b)elo.

A apresentação e análise do mito do nascimento do “deus” evidencia a estrutura da *fórmula* erótica que será repetida em várias partes do “discurso” de Sócrates, bem como no diálogo como um todo.

⁷ PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3ª ed.. Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.

⁸MARQUES, M. Amor Platônico. *RevistaCult*. Dossiê. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/amor-platonico/>> Acesso em 20 dez. 2017.

A causa e o ponto de partida em direção a um determinado fim, *telos*, são provocados pelo dinamismo de *Eros*, ou seja, o que provoca o início e o que ocorre na sequência da *fórmula* é causado pelo movimento (parcela “1”). O movimento erótico (1) provoca um tipo específico de relação (“1+1”) que gera, produz (3). Em outras palavras, o movimento erótico exige uma relação específica (segunda parcela da *fórmula*) que gera o novo (resultado do algoritmo “1+1”) em meio ao existente. *Eros* produz e busca as condições necessárias à criação.

Eros é a síntese do movimento realizado por *Pênia* e dos recursos ofertados por *Expediente*, responsável pela especificidade da busca erótica. A família do *daimon* guarda a estrutura da *fórmula*, porém a qualidade do movimento que ocasiona a relação, movimento de *Pênia* que a leva a Recurso (“*Pênia* + *Recurso*”) é distinta daquela dos movimentos que *Eros* promoverá. *Eros* é o fruto superado e o mais qualificado que serve como fundamento para a *fórmula* “1 + 1 = 3” (VERNANT, 1989, p. 164). Consequentemente, *Eros* produzirá movimentos e relações mais específicas e qualificadas superando qualitativamente a natureza da relação através da qual fora gerado. *Eros*, como fruto superado, promove relações férteis, e portanto, geradoras de “filhos”, ainda mais sofisticados, conhecimento.

Reconhecemos, com base no mito do nascimento da “divindade”, que o primeiro passo à geração, é o movimento. A diferença entre *Pênia* e *Eros* é determinada pela participação de *Expediente*, a oferta da qualidade, tanto do ponto de vista do movimento, como do que se busca. *Eros* é filho de um movimento inferior e a superação dos contrários de onde provém. *Eros* é a síntese do melhor de seus pais.

Sendo *Eros* um movimento qualificado, que parte sempre de um ponto (mais material/sensível) para outro (inteligível) nos impele a afirmar “um segundo”, a “figura dois”, no processo/movimento erótico. Além do movimento, *Eros* nos leva a afirmar o seu aspecto relacional, responsável, como vimos, pela qualidade do movimento proporcionado por *Eros*, e que, inexoravelmente, acontece, no mínimo, entre dois seres (diferentes). Lembremo-nos de que *Eros* é *daimon*. Ele é intermediário entre dois contrários. O movimento em direção a um objeto específico, inevitavelmente, nos leva a afirmação da segunda parcela da *fórmula*. O movimento erótico pede (exige) uma relação (fricção) específica, pois a especificidade do movimento erótico é garantida por uma relação singular com o seu objeto de aspiração.